



REVISTA DE CIÉNCIAS SOCIAIS

Civitas - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 1519-6089

civitas@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

Embree, Lester

A natureza e o papel da psicologia fenomenológica em Alfred Schutz

Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 11, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 409-418

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74221624004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A natureza e o papel da psicologia fenomenológica em Alfred Schutz¹

The nature and role of phenomenological psychology in Alfred Schutz

Lester Embree*

Resumo: O ensaio analisa como a psicologia fenomenológica pode se aproximar da fenomenologia transcendental de Edmund Husserl a fim de esclarecer os fundamentos das ciências culturais e, em seguida, explica a teoria desta psicologia implícita na obra de Schutz. Max Weber demonstrou que todos os fenômenos do mundo socio-cultural originam-se na interação social e estão submetidos a ela. Segundo ele, é papel central da sociologia entender o significado que o ator confere a sua ação (o “significado subjetivo”, em sua terminologia). Mas o que é ação, o que é significado, e como é possível a compreensão de tal significado, seja por um participante da interação social, um simples observador da vida cotidiana ou um cientista social? Eu diria que qualquer tentativa de responder a estas perguntas leva imediatamente a questões com as quais Husserl mantinha interesse e que, até certo ponto, ele pode esclarecer (Schutz, 1962, p. 145).²

Palavras-chave: psicologia fenomenológica, fenomenologia, Schutz, Husserl, ciência humana, ciências culturais

Abstract: The essay reviews how phenomenological psychology can draw on Edmund Husserl's transcendental phenomenology in order to clarify the foundations of the cultural sciences and then explicates the theory of this psychology implicit in Schutz's oeuvre. Max Weber has shown that all phenomena of the socio-cultural world originate in social interaction and can be referred to it. According to him, it is the central task of sociology to understand the meaning which the actor bestows on his action (the “subjective meaning” in his terminology). But what is action, what is meaning, and how is the understanding of such meaning by a fellow-man possible, be he a partner of the social interaction, or merely an observer in everyday life, or a social scientist? I submit that any attempt to answer these questions leads immediately to questions with which Husserl was concerned and which he has to a certain extent solved.

Keywords: Phenomenological psychology, phenomenology, Schutz, Husserl, Human Science, Cultural Sciences

* Professor da Florida Atlantic University, EUA. E-mail: <embree@fau.edu>.

¹ Texto publicado originalmente em *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 39, n. 2, p. 141-150, 2008. Tradução de Priscila Susin. Revisão de Hermílio Santos.

² Daqui em diante, esta fonte será citada textualmente como “CP I”.

Introdução

A obra de Alfred Schutz (1899-1959) é, atualmente, classificada por muitos como uma “sociologia fenomenológica”, ao passo que, para outros, esta não é uma classificação pertinente. Tal categorização se mostra verdadeira para alguns que associam psicologia social à sociologia, posição esta que Schutz parece ter preferido (Schutz, 1996, p. 113)³, lembrando que “The Stranger” (1944) e “The Homecomer” (1944) são explicitamente psicologia social (Schutz, 1964).⁴ Além disso, existem significativas análises em sua obra que têm sido apreciadas por cientistas sociais como ciência social (Schutz e Luckmann, 1973). Entretanto, a maior parte dos escritos de Schutz são em filosofia ou sobre ela e, essencialmente, dão continuidade ao projeto central de Edmund Husserl do que hoje é chamado “filosofia da ciência”, chamada por Schutz de *Wissenschaftslehre*. Quando seu colega Leo Strauss o elogiou por ser um sociólogo filosoficamente instruído, Schutz respondeu que preferia ser considerado um filósofo sociologicamente instruído.

O esforço principal de Schutz se distingue da maioria das filosofias fenomenológicas da ciência anteriores no que diz respeito, antes de tudo, à sua preocupação não com as ciências formais ou naturalistas, mas com o que ele chama “ciências sociais”. Esta expressão é frequentemente utilizada por ele de maneira ampla, o que inclui as ciências históricas, como também as ciências sociais em seu sentido mais comum nos EUA. De fato, ele identificou tantas disciplinas históricas específicas quantas disciplinas sociocientíficas em sentido estrito. Desta forma, para Schutz, o melhor é que se fale em “ciências culturais”, uma expressão enfatizada por ele em seu primeiro trabalho americano (Embree, 2004).

Curiosamente, contudo, não há, na classificação empregada por Schutz para as ciências, um lugar reservado para a ciência da psicologia. Ele faz alusões à psicanálise e ao behaviorismo, mas não filosofa acerca delas. O que Schutz escreve sobre *Principles of Psychology* (1890), de William James, será retomado adiante. Se a atual psicologia fenomenológica, tal como aquela desenvolvida por Amadeo Giorgi e seus seguidores, existisse em seu tempo, é provável que ele tivesse filosofado acerca dela. A passagem que segue, possivelmente única, não expressa a opinião própria de Schutz, mas expressa a posição de Husserl, com a qual, todavia, ele provavelmente concordou: “A psicologia é significativa somente como ciência positiva, ou seja, apenas como uma área da antropologia. Sua temática, então, é exclusivamente o ego psicológico vinculado ao mundo. Se a análise psicológica é feita de maneira eidética-*a priori* (o que é sempre possível),

³ Daqui em diante, esta fonte será citada textualmente como “CP IV”

⁴ Daqui em diante, esta fonte será citada textualmente como “CP II.”

então ela é uma análise constitutiva na atitude natural (fenomenologia psicológica), ou seja, ela mantém suas relações com o corpóreo e com o mundano” (CP IV, p. 172). “Antropologia” possui aqui o significado europeu da teoria humana e não aquela da “antropologia cultural”, mais comum nos EUA. Tanto a psicologia eidética quanto a empírica, dentro de tal antropologia, não é behaviorista, mas sim, como é por vezes chamada, uma “psicologia descriptiva”.

Apesar de não possuir um lugar claro em sua classificação das ciências, a “psicologia fenomenológica” é, no entanto, regularmente referida por Schutz na descrição de sua própria abordagem da ciência. Ele comumente chama suas considerações de “metodologia”, mas tendo em vista que a expressão passou a designar geralmente técnicas formais na filosofia e na ciência, ou seja, na lógica e na estatística, há razão agora para preferir a sua expressão alternativa, *Wissenschaftslehre*, que ele utilizou para caracterizar seu empreendimento Talcott Parsons (Schutz, 1978, p. 101-103) e que parece ter sua melhor tradução em inglês como “theory of science” ou ainda “science theory”.

Interessante que Schutz acreditava que não apenas filósofos, mas também cientistas culturais podem ocupar-se da teoria da ciência, tendo estes últimos uma forte inclinação para fazê-lo. Teóricos da ciência de ambos os tipos refletem sobre os conceitos básicos, métodos característicos e definições das ciências. Os esforços teórico-científicos de filósofos e cientistas se diferenciam na medida em que teóricos *científicos* da ciência, como Max Weber, tendem a refletir apenas dentro de suas disciplinas específicas, neste caso, a sociologia, enquanto teóricos *filosóficos* da ciência, como o próprio Schutz, refletem não apenas sobre disciplinas específicas, mas também sobre gêneros e espécies de ciência. Teóricos da ciência de ambos os tipos podem proveitosamente comunicar sobre assuntos de interesse comum. Schutz tentou fazê-lo com Parsons, mas este acabou por declinar (Embree, 1980).

A teoria de Schutz das ciências culturais pode ser concebida como uma hierarquia de níveis de pensamento: (1) no nível mais baixo há, primeiramente, o pensamento de senso comum da vida cotidiana pré-científica; (2) então, no que pode ser chamado de “ciência cultural substantiva”, relatos empíricos e teóricos são desenvolvidos com referência às interpretações do senso comum expressas por seus informantes em escritos, bem como em entrevistas e questionários⁵; (3) em seguida, teóricos da ciência podem refletir sobre os

⁵ A intenção de Schutz em ampliar a abordagem de Husserl é clara: “Gostaria de acrescentar à lista de Husserl uma ciência social que, enquanto limitada à esfera social, possui caráter eidético. A tarefa de tal ciência social seria a análise intencional das diversas formas de ações e formações sociais de alto nível, que são encontradas – já realizadas – na constituição do *alter ego*. Isto pode ser alcançado na análise estática e genética, e tal interpretação deveria demonstrar as estruturas apriorísticas das ciências sociais (CP IV, p. 164).

esforços na ciência cultural substantiva de maneira a esclarecer as bases que a fundamenta e aperfeiçoarem a investigação substantiva; (4) finalmente, os teóricos da ciência filosófica podem ter em mente um quarto nível onde refletem não apenas sobre o senso comum ou sobre a investigação substantiva, mas também sobre a teoria científica da ciência. O âmbito da reflexão filosófica é o mais amplo, porém, os filósofos são também aqueles que menos se aproximam de dados científicos, aos quais os investigadores substantivos estão mais próximos.

Escrito por Schutz em 1932, o livro *Phenomenology of the Social World* (Schutz, 1967) inicia mostrando o interesse do autor pela teoria da ciência e sua estima pela psicologia social como recurso apresentado por Georg Simmel. Ele defende, entretanto, que o esclarecimento dos fundamentos precisa ir além e, por isso, recorre à “fenomenologia constitutiva da atitude natural” de Husserl, a qual ele e Husserl também denominaram “psicologia fenomenológica”.

O presente ensaio irá revisar brevemente como tal psicologia fenomenológica pode se aproximar da fenomenologia transcendental a fim de desempenhar o papel classificatório fundamental na teoria científico-cultural e, em seguida, explicar a teoria desta psicologia implícita na obra de Schutz.

Psicologia fenomenológica na teoria da ciência cultural

Desde o princípio, Schutz almejou um maior esclarecimento sobre os fundamentos das ciências culturais que, para ele, eram mais profundas que aquelas encontradas em Max Weber. Primeiramente, ele as buscou no trabalho de Henri Bergson (Schutz, 1982), o que não o deixou satisfeito. Então, seu amigo Felix Kaufmann instigou-o a estudar Husserl. Em princípio ele não encontrou nada que lhe fosse útil ao propósito, mas após a publicação de *Lecture on the Phenomenology of the Consciousness of Inner* (1928) e *Formal and Transcedental Logic* (1929), ele pode ver a importância da fenomenologia. “Em um livro publicado em 1932, tentei utilizar a fenomenologia de Husserl e a metodologia de Weber como um ponto de partida para a análise da estrutura de significado do mundo social” (Schutz, 1997).

Depois de uma seção da obra dedicada essencialmente a mostrar as deficiências na metodologia de Weber, onde o conceito de ação significativa, a compreensão do significado subjetivo do outro, a compreensão da observação e da motivação, e os conceitos de sentido subjetivo e objetivo estão em pauta, partes da *Phenomenology* de Schutz estão dedicadas à constituição da experiência significativa no próprio fluxo de consciência do sujeito, às bases do entendimento intersubjetivo, à estrutura do mundo social e algumas questões básicas da sociologia interpretativa (Schutz, 1967).

Pode-se observar que, enquanto isto culmina na teoria da sociologia, seu livro já tem muito a dizer sobre as teorias da economia e da jurisprudência, até mesmo algo sobre política; o que Schutz propõe na forma de teoria da economia em toda a sua obra é mais elaborado e detalhado do que aquilo que oferece sobre qualquer outra disciplina, incluindo a sociologia (Embree, 2008).

Qual é a função da psicologia fenomenológica na teoria das ciências culturais de Schutz? O “Postscript to My Ideas...” (1930) de Husserl foi publicado enquanto Schutz estava lendo as provas de sua *Fenomenologia*, e ele anexou uma nota fundamental na Parte I que, com efeito, introduz a Parte II. Nela, ele afirma que a análise de Husserl da consciência do tempo interno foi realizada por Husserl na esfera transcendentalmente reduzida, em que o mundo natural é colocado entre parênteses, mas que para ele, Schutz, não era preciso ir tão longe a fim de obter a percepção sobre os fenômenos “tempo interno”, necessário para fundamentar a análise da sociabilidade mundana. A fundamentação da análise da sociabilidade mundana *não* exige a análise de fenômenos constitutivos da esfera transcendental, mas sim a análise do que corresponde àqueles fenômenos na atitude natural, uma aplicação que o próprio Husserl autoriza em seu “Postscript” e em outras passagens, e que ele chama “psicologia fenomenológica”. Interpretar as conclusões de Husserl como psicologia fenomenológica oferece a Schutz uma perspectiva na qual esclarece fundamentações que cientistas culturais não esclarecem.

Em 1940, Schutz já havia encontrado Husserl pessoalmente diversas vezes, havia assistido as conferências de Viena e Praga, emigrado para os EUA e mantinha grande expectativa de novas perspectivas nos trabalhos póstumos de Husserl acerca das ciências envolvidas com os fenômenos culturais na arte, economia, história, direito e sociedade que apontassem, em sua origem e significado, para outros temas e suas ativas intencionalidades constitutivas, sendo, portanto, experienciados como existindo para qualquer um que pertença à comunidade correspondente a tal cultura (Schutz, 1962). Em 1945, ele enumera algumas questões cruciais para uma teoria das ciências culturais, para a qual afirma que não apenas a fenomenologia transcendental, mas também a psicologia fenomenológica abriram caminho e começaram a encontrar respostas:

Mas como é possível a compreensão e a comunicação mútua? Como é possível que o homem realize atos significativos, propositalmente ou por hábito, orientados para fins a serem alcançados e motivados por certas experiências? Os conceitos de sentido, de motivo, de

fins e de atos não se referem por acaso a uma certa estrutura da consciência, a um determinado arranjo de todas as experiências no tempo interno, a um certo tipo de sedimentação? E a interpretação do sentido do Outro, do sentido de seus atos, assim como dos resultados destes atos não pressupõem uma auto-interpretação do observador ou parceiro? Como eu posso, em minha postura de homem entre outros homens, ou como um cientista social, ter acesso a tudo isto senão recorrendo ao estoque de experiências pré-interpretadas construídas através da sedimentação em minha vida consciente? E como os métodos para interpretar as inter-relações sociais podem ser justificados se eles não estão apoiados em uma descrição cuidadosa dos pressupostos subjacentes e suas implicações? (CP I, p. 117).

Pouco antes de morrer em 1959, Schutz esboçou sete áreas das ciências sociais na qual o pensamento de Husserl poderia ser aplicado, incluindo a seguinte afirmação:

O mundo social possui dimensões específicas de proximidade e distância no espaço e no tempo, de intimidade e de anonimato. Cada uma destas dimensões tem sua estrutura horizontal específica, e a cada uma delas pertence um estilo experiencial. Estas experiências são pré-predicativas, e seu estilo é determinado por tipologias formadas de diversas maneiras a partir de experiências relacionadas a contemporâneos, antecessores e sucessores. A análise de Husserl acerca da experiência pré-predicativa e da natureza dos tipos (embora não aplicado por ele ao mundo social) são de especial importância aqui. Tomando-as como ponto de partida, pode ser explicado o porque de interpretarmos as ações de nossos semelhantes em termos de tipos de linha de ação e tipos individuais e porque temos que submeter-nos a uma auto-tipificação a fim de chegar a um acordo mútuo para a criação de um universo de compreensão comunicativa. As ciências sociais estudam esta questão sob o título de “papéis sociais” e em termos dos chamados significados subjetivos e objetivos da ação (Max Weber). Por outro lado, todas as tipificações do pensamento de senso comum são elementos integrantes da história sociocultural específica do mundo da vida, na qual elas prevalecem como fatos dados e socialmente aprovados. Suas estruturas determinam, entre outras coisas, a distribuição social de conhecimento e sua relatividade e relevância para um ambiente social específico, de um grupo específico, em um momento histórico específico (CP I, p. 148).

O que já foi esboçado talvez seja suficiente para indicar como a fenomenologia transcendental pode ser reinterpretada como psicologia fenomenológica, a fim de contribuir no esclarecimento dos fundamentos das ciências culturais.

O que é psicologia fenomenológica?

A teoria de Schutz das ciências culturais inicialmente segue Simmel e Weber no que se refere a ter as ciências sociais e históricas reduzidas a como os fenômenos culturais são significativos para os *selves* na psicologia social. Mas ele não encontra clareza suficiente até iniciar a segunda etapa e recorrer à fenomenologia constitutiva da atitude natural derivada da filosofia fenomenológica transcendental de Husserl.

A influência de Husserl é mais conspícuia na Parte II do *Aufbau* de Schutz. Lá, ele não apenas esclarece como as ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas, mas também como as ações são motivadas por “motivos a fim de” e “motivos por que” dentro de fluxos de consciência. O conjunto das *Reflections of the Problem of Relevance* é, sem dúvida, um esforço no sentido de uma psicologia fenomenológica, com a consequência de que mais páginas são dedicadas a ela do que à psicologia social. No entanto, Schutz não oferece uma consideração explícita sobre o que é exatamente essa psicologia fenomenológica derivada do trabalho de Husserl.

É possível, entretanto, explicar a teoria schutziana da psicologia fenomenológica do ponto de vista global de Schutz, o que equivale a dizer que é possível especificar sua teoria geral da ciência para esta disciplina em particular. Deve-se mencionar que a psicologia fenomenológica era, naquele tempo, apenas um projeto. Além de alusões em suas publicações, Husserl proferiu palestras sobre este projeto em 1925, 1926 e 1928 (Husserl, 1977) e, sem dúvida, contou a Schutz sobre suas palestras em seus encontros; e Schutz parece ser o primeiro, depois de Husserl, a mencionar o projeto.

A teoria da ciência de Schutz tem, em geral, três componentes: (a) conceitos básicos, (b) métodos distintivos e, (c) definições disciplinares.

(A) Sem qualquer pretensão de ser exaustivo, dentre os *conceitos básicos* para a psicologia fenomenológica inclui-se “constituição”, “objeto cultural”, “ego” ou “eu”, “eidos” e “eidético”, “empatia”, “evidência”, “experiência (*Erlebnis*)”, “objeto ideal”, “intencionalidade”, “intersubjetividade”, “tempo interno”, “mundo da vida”, “noesis” “noema”, “experiência pré-predicativa”, “reflexão”, “sedimentação” e “fluxo de consciência”. Estas são categorias husserliananas padrão, empregadas por Schutz na “atitude natural”, que é outro conceito básico para ele.

(B) Ser teórica não é uma condição exclusiva da psicologia fenomenológica, pois para Schutz todas as ciências são teóricas. Entretanto, a *metodologia* da psicologia fenomenológica possui, no mínimo, sete componentes específicos, em sua maioria apresentados em seu artigo comparando Husserl e James:

(1) o postulado de que todas as pessoas podem perceber-se pensando; (2) a abordagem da reflexão, que envolve a mudança de uma vida diretamente vivida para um foco em experiências intencionais ou noeses e, correlativamente, para coisas tal como intencionadas ou noemata; (3) uma *epoché* e uma redução de alguma espécie; (4) análise intencional; (5) análise constitutiva; (6) análise genética; e (7) descrição, que pode ser factual, mas que é, em última análise, eidética (Schutz, 1966).

Estas são, novamente, características da abordagem husserliana e, portanto, oferecem as condições para que se vá mais a fundo no que Schutz buscou como fonte de recurso, ou seja, onde se trata da análise gerativa (Schutz foi um dos primeiros depois de Husserl a mencionar este tipo de análise), mas pode-se questionar se recorrer à *epoché* e a redução é, de fato, um recurso à abordagem diferenciada da fenomenologia transcendental ou, em vez disso, recorrer à *epoché* e redução necessárias para a psicologia puramente fenomenológica.

(C) A questão da *definição disciplinar* requer maior interpretação. Apesar de a lógica ser uma ciência que pode ser aplicada para testar a consistência em todas as ciências, a psicologia é focada no conteúdo e não é, portanto, uma ciência formal. Uma psicologia não-fenomenológica como, por exemplo, o behaviorismo, pode ser uma ciência naturalista e partir do objetivismo e naturalismo aos quais Schutz e Husserl se opõem. No entanto, dado como os objetos, as ações, os outros, nós mesmos, etc. são constituídos como significativos no processo psíquico, portanto, como fenômenos culturais, e como esta significância é o que é abstruído nas ciências naturalistas⁶, a única alternativa é a de que a psicologia fenomenológica seja uma ciência cultural. Schutz em nenhum momento a classifica desta forma, mas é difícil vê-la de outra maneira.

A questão, então, é como a psicologia fenomenológica de Schutz é diferente de outras ciências culturais. Dada a sua abordagem global, a questão imediata é como ela se distingue da psicologia social. A psicologia social se baseia no individualismo metodológico, a fim de focar em como os outros são constituídos por e para *selves* individuais e, assim, fornece uma base para que se investigue a vida coletiva e grupos de várias outras formas históricas e científico-sociais. Além da psicologia social, Schutz reconhece uma abordagem

⁶ O conceito de Natureza... com o qual as ciências naturais têm de lidar, como Husserl demonstrou, uma abstração idealizada do mundo da vida, uma abstração que, em princípio e evidentemente legitimamente, exclui pessoas e sua vida pessoal e todos os objetos culturais que se originam da atividade humana prática. Exatamente este ponto do mundo da vida, de onde as ciências naturais têm de abstrair, é a realidade social que as ciências sociais precisam investigar (CP I, p. 58).

que abstrai o indivíduo da sociedade a fim de obter maior clareza a respeito de como o significado e outras coisas são constituídas.

Assim, Schutz afirma em uma passagem diz que ele procede “como se um indivíduo isolado experienciasse o mundo da natureza desconectado dos seus semelhantes” (Schutz, 1970, p. 73) e, em outra passagem afirma que “o fluxo de consciência isolado de um único indivíduo... pensado como separado de seu semelhante é uma “abstração fictícia... feita apenas para uma apresentação mais clara dos problemas envolvidos” (Schutz, 1962, p. 218). Ademais, Schutz afirmou ao seu amigo Aron Gurwitsch - “eu tive, obviamente, razões pedagógicas para utilizar um ego teoricamente solipsista como ponto de partida e somente depois, introduzir as estruturas que estão envolvidas no mundo social. Mas isto não significa que eu acredite que seja possível uma experiência pessoal que não seja socializada desde o início” (Gurwitsch e Schutz, 1989, p. 177).

Esta abstração é invocada não apenas em *Reflections on the Problem of Relevance*, mas também na Parte II do *Phenomenology of the Social World*. Eles formam o mais extenso material de Schutz sobre o que pode ser considerado como a parte fundamental de suas investigações psicológicas fenomenológicas substantivas e são anteriores, porém pressupostas, pela psicologia social e pelas ciências sociais e históricas, portanto, pelas ciências culturais.

Schutz está ciente do problema do que pode ser chamado de “solipsismo ontológico” se esta abstração for mal interpretada, mas diz que a questão é abordada na sexta “Meditações Cartesianas” de Husserl (CP IV, p. 107), que permaneceu inédita por muito tempo. Mas Schutz também poderia ter referido tal passagem na quinta meditação: “No que se refere à ordem, o intrinsecamente primeiro das disciplinas filosóficas seria ‘egologia’ ‘solipsisticamente’ reduzida, a egologia do ego primordialmente reduzido. Somente depois viria a fenomenologia subjetiva, que é baseada naquela disciplina...” (Husserl, 1960, p. 155). O que diferencia a psicologia fenomenológica de Schutz da psicologia social, assim como das outras ciências culturais, é o que pode ser chamado de seu “solipsismo metodológico”.

O questionamento interessante que agora surge é se a psicologia fenomenológica pode fundamentar-se adequadamente ou se precisa ser radicalizada na fenomenologia transcendental para tal efeito, mas isto não é algo que precisa ser buscado neste ensaio.

Referências

EMBREE, Lester. Methodology is where human scientists and philosophers can meet: reflections on the Schutz-Parsons exchange. *Human Studies*, n. 3, p. 367-373, 1980.

- EMBREE, Lester. A problem in Schutz's theory of the historical sciences with an illustration from the Women's Liberation Movement. *Human Studies*, n. 27, p. 281-306, 2004.
- EMBREE, Lester. Economics in the context of Alfred Schutz's theory of science, forthcoming in *Schutzian Research*, vol. I, 2008.
- GURWITSCH, Aron; SCHUTZ, Alfred. *Philosophers in exile*. Trad. J. Claude Evans. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1989.
- HUSSERL, Edmund. *Cartesian meditations*. Trad. Dorion Cairns. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1960.
- HUSSERL, Edmund. *Phenomenological Psychology*: lectures summer semester, 1925. Trad. John Scanlon. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*, vol. I, ed. Maurice Natanson. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*, vol. II, ed. Arvid Broedersen. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1964.
- SCHUTZ, Alfred. William James' concept of the stream of thought phenomenologically interpreted. In: *Collected Papers*, vol. III, ed. Ilse Schutz. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1966.
- SCHUTZ, Alfred. *The phenomenology of the social world*. Trad. George Walsh e Frederick Lehnert. Evanston: Northwestern University Press, 1967.
- SCHUTZ, Alfred. *Reflections on the problem of relevance*, ed. Richard M. Zaner. New Haven: Yale University Press, 1970.
- SCHUTZ, Alfred. *The theory of social action*: the correspondence of Alfred Schutz and Talcott Parsons, ed. Richard Grathoff. Bloomington and London: Indiana University Press, 1978.
- SCHUTZ, Alfred. *Life forms and meaning structure*. Trad. Helmut R. Wagner. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*, vol. IV, ed. Helmut Wagner, George Psathas, and Fred Kersten. The Hague: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- SCHUTZ, Alfred. Husserl and his Influence on me. Ed. Lester Embree, *The Annals of Phenomenological Sociology*, II, 1997.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *The structures of the social world*. Trad. Richard M. Zaner e H. Tristram Englehardt, Jr. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

Recebido em: 12/01/2011

Aprovado em: 29/06/2011